

A INTERAÇÃO PROFESSOR - ALUNO NO PROCESSO EDUCATIVO*

*Luiza de Souza Müller***

Resumo: Abordamos o tema da interação do professor-aluno observando como o professor deve trabalhar interagindo com o aluno, para que a construção do conhecimento seja alcançada e ajude o aluno a sair da sua dependência intelectual, podendo por meio do conhecimento, atingir a sua maioridade intelectual. O professor, buscando a melhor forma de comunicação com seus alunos, obterá com essa interação o objetivo principal, que é a autonomia de pensar dos seus discípulos.

Palavras –chave: interação, afetividade, construção do conhecimento, autoridade, diálogo

Title: *The interaction between teacher and students in the educational process*

Abstract: *This paper analyses the interaction between teacher and students so that knowledge acquisition might be reached and help the students to leave their intellectual dependency and use knowledge to reach their intellectual independence. Thus the teacher – who is looking for the better way of communicating with his students – will reach his main goal, that is, his students' freedom of thinking.*

Key words: *interaction, effectiveness, knowledge acquisition, authority, dialogue.*

A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa, normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo. A relação professor- aluno pode se mostrar conflituosa, pois se baseia no convívio de classes sociais, culturas, valores e objetivos diferentes. Podemos observar dois aspectos da interação professor-aluno: o aspecto da transmissão de conhecimento e a própria relação pessoal entre professor e aluno e as normas disciplinares impostas. Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, fortalecer-lhe as bases morais e críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado.

Pelo que foi observado durante o estágio e na pesquisa bibliográfica, a relação professor-aluno, por melhor que seja trabalhada, é relativamente conflitante, pois os conflitos surgem durante o desenrolar de toda relação humana. Os alunos do ensino médio, em sua quase totalidade, são adolescentes, e estão por este motivo em uma fase de grandes conflitos interiores e de auto-afirmação, tornando necessário que o professor se desdobre para poder manter a disciplina¹, manter o aluno atento ao conteúdo e também despertar o seu interesse.

A aula não pode ser considerada apenas uma mera transferência de conhecimento, devemos também nos preocupar com o conteúdo emocional e afetivo, que faz

parte da facilitação da aprendizagem. De acordo com LIBÂNEO (1994, p. 251), o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos:

“Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula, o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula.”

A escola, como um todo, passa por uma crise de sentido; os alunos não sabem porque vão a ela, a falta de significação do que é estudar, a evasão, a reprovação e a violência que existem nas mais diferentes formas acabam por transformar esta relação professor-aluno ainda mais conflitante e difícil de ser trabalhada. O professor pode abrandar este conflito preocupando-se com o relacionamento emocional e afetivo.

O aspecto afetividade influi no processo de aprendizagem e o facilita, pois nos momentos informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando idéias e experiências várias, expressando opiniões e criando situações para, posteriormente, serem utilizadas em sala de aula. O relacionamento baseado na afetividade² é, portanto, um relacionamento produtivo auxiliando professores e alunos na construção do conhecimento e tornando a

* Data de recebimento para publicação: 12/12/2001.

Artigo orientado pela professora Dinéia Hypolitto do curso de Formação de Professores

** Bacharel em Filosofia pela USJT 2000, licenciada pelo curso de Formação de Professores, USJT 2001

¹ Disciplina, s.f Ordem, respeito; obediência às leis; matéria de estudo, instrumento de penitência (no texto, a primeira definição), Minidicionário, Silveira Bueno, São Paulo, FTD, 2000

² Ver NÉRICI, I. *Didática, uma introdução*, Atlas, 1977 “o professor deve procurar ser amigo, compreensivo e tolerante, mas não displicente para com suas obrigações, e convincente para com suas obrigações e conivente com os atos inadequados de seus discípulos”.

relação entre os dois menos conflitante, pois permite que ambos se conheçam, se entendam e se descubram como seres humanos e possam crescer.

Educar, do latim *educare*, é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação, conforme é explicado por LIBÂNEO:

“o ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (...)” 1994 p.56.

Podemos também pensar na idéia kantiana³ de *aufklärung*⁴ (esclarecimento), pela qual o homem deve aprender a pensar, o que significa a saída do homem de sua menoridade pela qual o homem se torna autônomo, uma vez que, na sua filosofia, a via de conhecimento do belo é a conduta ética exigida aos homens que se querem autônomos, isto é, não facilmente governáveis por outrem. O homem fica na menoridade à medida que se recusa a pensar por conta própria, se recusa a viver autonomamente, pois é mais cômodo, de fato, viver sob a tutela natural da família, do Estado, etc. A menoridade significa depender do outro para pensar, é mais fácil ser menor em nossa sociedade quando, para viver, não se depende do próprio pensar, quando o outro pode fazê-lo. Ao professor, cabe, então, propiciar ao aluno a possibilidade de utilizar seu pensamento para crescer, se libertar e sair da menoridade, da submissão do seu pensamento ao pensar de outra pessoa. Na relação professor-aluno, o professor, usando da afetividade, poderá entender melhor seus alunos e conseguir elementos para atingir seus objetivos.

Uma forma de o professor interferir, melhorar e consolidar a relação professor-aluno no sentido de explorar as possibilidades da filosofia, é discutir e compreender os pressupostos e as concepções de filosofia que estão presentes na sua prática, pois, sem isso, vamos continuar apenas a estudar história da filosofia ou alguns temas isolados, sem uma postura filosófica, atendendo apenas a necessidades imediatas e curriculares.

O professor deve constantemente esforçar-se em buscar estas possibilidades e tentar uma discussão dos diversos temas trazendo-os para os dias de hoje, para os problemas atuais, tornando o ensino e a relação professor-aluno proveitosos.

O professor cria uma situação de comunicação entre os alunos com um propósito educativo, buscando meios e caminhos, de acordo com o que a situação e a classe pedem; ele intervém pouco, muito ou nada, colocando os alunos como sujeitos de sua própria reflexão, utilizando-se da curiosidade natural.

Atentemos então ao que TIBA, (1998, p.46) diz em relação a esta busca de meios e caminhos:

“Ao perceber que não sabe, o ser humano tem a tendência natural de buscar meios de aprender, já que é dotado de inteligência e, em consequência, de curiosidade. Associando estes dois atributos, pode surgir a criatividade, que fornece a base para as grandes invenções da humanidade. O espírito aventureiro instiga às descobertas”.

Incentivar as crianças e adolescentes a pensarem filosoficamente não é uma tarefa fácil para os professores desempenharem e, de certo modo, é mais uma arte do que uma técnica, é uma arte que requer a prática. O professor deve possuir habilidades para passar o conteúdo da matéria, incentivando-os ao estudo, fazendo-os levantar temas sobre o texto dado, discutindo e escrevendo, de acordo com o explicado por LIPMAN (1994, p.117) :

“À medida que se passa por um dos currículos de Filosofia para Crianças, aprende-se como é importante, para que se obtenha sucesso, que os materiais sejam introduzidos oportunamente e na seqüência adequada. Ensinar filosofia implica fazer com que os estudantes levantem temas e, então, voltar a eles repetidamente, elaborando-os nas discussões dos estudantes à medida que as aulas se sucedam.”

Podemos sugerir, como exemplo, uma aula em que o professor aborde o Mito da Caverna⁵, ao falar a respeito de Platão⁶. E pode tentar mostrar, sob o signo da universalidade, a condição do filósofo. Ele levanta o tema e elabora discussões em que a classe possa chegar à conclusão de que é necessária a fuga do mundo sensível, das sombras e dos fantasmas, para encontrar fora da caverna o verdadeiro mundo dos objetos e o sol que ilumina o seu verdadeiro e autêntico ser. Aquele que aprende a se voltar das sombras para a fonte de luz buscará esta fonte como finalidade última do trajeto do pensamento.

Além da explicitação dos objetivos, da escolha de conteúdos e da orientação metodológica o trabalho do professor na sala de aula dependerá da procura de

³ Para Kant, o homem sai da menoridade quando consegue pensar por conta própria, em FERRO, M. & TAVARES, M. *Fundamentação da metafísica dos costumes de Kant*. Lisboa: Editora Presença. 1995.

⁴ Aufklärung – esclarecimento - *Dicionário Universal*. Berlim: Langenscheidt 1965.

⁵ Mito da Caverna - Platão utilizou este mito para explicar as mentes que ainda não se abriram para o conhecimento e a filosofia, no Livro VII da *República*. Ele se utilizou de uma metáfora para descrever a situação geral em que se encontra a humanidade, pois, para ele, todos nós estamos condenados a ver sombras à nossa frente e tomá-las como verdadeiras; escrito há mais de 2500 anos, este texto ainda provoca reflexões sobre o tema, uma das mais recentes é a colocada no livro de Saramago *A caverna*.

⁶ Platão, filósofo grego que viveu de 428 a 347 AC foi discípulo de Sócrates –de acordo com DURAN.W em *História da Filosofia*-Os pensadores –Abril Editora-2000

procedimentos que viabilizem a prática docente. Nesse sentido, de nada adianta propor no planejamento⁷ a intenção de estimular a consciência crítica se o professor se restringir à aula expositiva sempre e se, ao avaliar, apenas verificar a reprodução do que foi transmitido. O professor deve sempre estar atento aos alunos, às vezes a própria expressão dos alunos indica que é necessário fazer alguma pergunta, não apenas com o intuito de verificar se o exposto foi compreendido, mas também de dar informações aos alunos, para que corrijam seus erros, e ver se entenderam o conteúdo, se há ainda pontos obscuros, se é necessário passar mais exercícios ou dar mais exemplos antes de ir para um novo tema.

Quando o professor pergunta, ele não está simplesmente querendo obter respostas que já conhece, pois incentivar o pensamento filosófico é querer que o educando reflita de maneira nova, considere métodos alternativos de pensar e agir. Neste ponto, devemos observar o que foi escrito por LIBÂNEO (1994, p.250):

“O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.”

No entanto, vemos que, apesar dos esforços, o objetivo principal, que é dar possibilidade ao educando de construir seu conhecimento, fica muitas vezes prejudicado pela falta da capacidade de ouvir o aluno e, assim, descobrir as suas dificuldades, como foi exposto acima.

Outro ponto que devemos ter em mente é o de que o professor não pode ter dúvidas sobre o que seja de fato a autoridade do professor, para que ela não se pareça, como às vezes acontece, com autoritarismo e também, em contrapartida, não propicie a total ausência de lei, impedindo a disciplina, que é necessária ao aprendizado, e a organização de qualquer trabalho.

O professor não pode ser autoritário a ponto de achar que sua palavra é a lei, pois, quando há uma falha na comunicação entre professor-aluno, aluno-professor, poderá ocorrer o distanciamento das duas partes, o que poderá prejudicar a relação; uma vez que o diálogo é um elemento fundamental da aprendizagem, fato que é reforçado por HAYDT (1995, p.87), sobre a importância do estabelecimento do diálogo:

“Na relação professor-aluno, o diálogo é fundamental. A atitude dialógica no processo ensino-aprendizagem é aquela que parte de uma questão problematizada, para desencadear o

diálogo, no qual o professor transmite o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências, anteriores do aluno. Assim, ambos chegam a uma síntese que elucida, explica ou resolve a situação-problema que desencadeou a discussão.”

Para exercer a autoridade⁸, o docente deve saber da importância do seu trabalho e mesclar com a afetividade a sua autoridade, recorrendo, então, ao diálogo⁹ como forma de chegar ao resultado pretendido: uma classe integrada, compenetrada e interessada. Podemos também reforçar a importância do diálogo usando FREIRE (1996, p.95): estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com essa ou aquela pergunta (...) o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto falam ou enquanto ouvem.

O professor deve usar do diálogo, pois o diálogo pode ser uma fonte de riquezas e alegrias, é uma arte a ser cultivada e ensinada. O professor deve ensinar que o diálogo só acontece quando os interlocutores têm voz ativa, e que se os interlocutores se limitarem a impor visões do mundo sem considerar o que o outro tem a dizer, não estarão praticando um diálogo.

Embora estejam limitados por um programa, um conteúdo, um tempo determinado e normas da instituição de ensino, o professor e o aluno interagindo chegam à finalidade do ensino, que é a aprendizagem do educando. A tendência do professor, por causa de sua carga de conhecimento e experiência, é pensar que o aluno não sabe nada, o que acaba por complicar a relação professor-aluno, pois o ensino é ato comum do professor e do aluno; o professor, enquanto ensina, está continuando a aprender.

O professor pode utilizar a liderança¹⁰ controlando-a para não inibir a criatividade do aluno, criar uma relação de respeito mútuo e organizar o seu método de trabalho.

O professor deve facilitar ao aluno o entendimento do que é fazer parte de um grupo ou de uma comunidade, ajudando-o a conhecer as normas que regem a conduta aceita nos mais variados âmbitos, como o social, o cultural e o político. O respeito mútuo é a valorização de cada pessoa, independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião, é poder revelar seus conhecimentos, expressar sentimentos e emoções, admitir dúvidas sem ter medo de ser ridicularizado, exigir seus direitos.

Ele, também, precisa mostrar ao aluno que, se, num primeiro momento a justiça é a obediência às leis, ela vai muito além disso como conceito, pois é a busca de direitos e de oportunidades, o que pressupõe o julgamento do que é justo e injusto.

⁸ A autoridade, para FREIRE (2000, p. 1180), se transforma em autoritarismo se não houver limites.

⁹ Diálogo, ver HADYT, (1995, p. 87), que diz ser fundamental, na relação professor-aluno, o diálogo, e explica que surge de uma questão problematizada em que o professor transmite o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências anteriores dos alunos.

¹⁰ Liderança s.f função de líder; forma de dominação baseada no prestígio pessoal e aceita pelos dirigidos. (definição do MINIDICIONÁRIO, Silveira Bueno, FTD, 2000.).

⁷ Planejamento de acordo com LIBÂNEO *Didática*, Cortez 1994” *O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino”.*

Podemos fundamentar o exposto pelo que foi dito por SEVERINO (1986, p. 14):

“O educador não pode realizar sua tarefa e dar sua contribuição histórica se o seu projeto de trabalho não estiver lastreado nesta visão da totalidade humana. À filosofia da educação cabe então colaborar para que esta visão seja construída durante o processo de sua formação. O desafio radical que se impõe aos educadores é o de um inteligente esforço para a articulação de um projeto histórico-civilizatório para a sociedade brasileira como um todo, mas isto pressupõe que se discutam, com rigor e profundidade, questões fundamentais concernentes à condição humana.”

O docente estará favorecendo a relação professor-aluno seguindo uma série de regras: utilizar as aulas expositivas quando sentir que com este método estará atingindo o objetivo do ensino da unidade, demonstrar a variedade de explicações para um mesmo fenômeno, ser flexível e capaz de adaptar o programa para cada situação que se apresente, relacionar o conteúdo da unidade a ser ensinada com a experiência do aluno, ajudar o aluno a descobrir a interdisciplinaridade¹¹, não deixar que assuntos menores influam na discussão em classe sobre a disciplina que está sendo enfocada, criar situações em que o aluno possa expressar seus sentimentos, variar a composição dos grupos de estudo, tentar evitar o monopólio da discussão, respeitar e fazer respeitar as diferentes opiniões e usar vocabulário que seja claramente compreendido.

O professor como facilitador do aprendizado deverá buscar a motivação¹² de seus alunos. Não é uma tarefa fácil, pois a falta de motivação pode ter origem em problemas particulares do aluno como cansaço, necessidades afetivas não satisfeitas e, até mesmo, a fome. O docente deverá centrar os seus esforços na aprendizagem e, ao trabalhar com ela, tornar o ensinamento significativo para o aluno, fazendo-o sentir que a matéria tem significância para sua vida.

No que foi exposto, vemos, portanto, que o relacionamento professor-aluno é dinâmico, cabendo ao professor ter sabedoria para lidar com cada situação que se apresente e ter em mente que deverá estar ligado no fato de que o ensinar não é apenas transmissão de conhecimentos, mas também um total envolvimento com situações e a formação de seus alunos como seres pensantes e atuantes, capazes de construir o seu conhecimento.

Devemos pensar de uma maneira construtivista¹³ e repensar o papel do professor, pelo qual ele, na sua relação com os alunos, buscará formas de facilitar o aprendizado e

fazer seus alunos se interessarem, buscarem e construir o seu conhecimento. Poderemos buscar, nas palavras de CHAUI (1980, p.39), uma confirmação do exposto:

“Ao professor não cabe dizer “faça como eu”, mas: “faça comigo”. O professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se n’água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu corpo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e repele, revelando que o diálogo do aluno não se trava com seu professor de natação, mas com a água.”

Na visão construtivista, o aluno é o centro, devendo estar sempre mobilizado para pensar e construir o seu conhecimento, no entanto esse enfoque construtivista não coloca o professor em segundo plano; pelo contrário, o seu papel é de máxima importância no processo de ensino, não sendo aluno e professor considerados iguais, pois, aos professores, cabe a direção, a definição de objetivos e o controle dos rumos da ação pedagógica, não se utilizando da autoridade arbitrariamente, mas exercendo uma autoridade própria de quem tem zelo profissional e se responsabiliza pela qualidade do seu trabalho, não deixando os alunos à deriva, sem diretividade e organização.

A disciplina e o equilíbrio devem ser mantidos em classe, para que o aprendizado não seja prejudicado, e para que se desenvolva, no aluno, o auto-respeito, o auto-controle e o respeito, ficando o professor atento para que certas situações não fujam do limite. O professor deve se utilizar da liderança controlando-a, no entanto, para não inibir a criatividade do aluno, criando uma relação de respeito mútuo e organizando sua metodologia de trabalho.

A linha mestra de toda ação educativa é libertadora por excelência, portanto a meta prioritária da filosofia no Ensino Médio seria estimular no aluno aquelas capacidades intelectuais que possibilitem a autonomia em suas análises, tentando desenvolver a capacidade crítica de aprender a refletir, de ser agente de seu próprio destino, ampliando horizontes culturais, transformando a própria realidade.

BIBLIOGRAFIA

- BUENO, Silveira. *Mini-dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000.
- CHAUI, Marilena de Souza. “Ideologia e educação”. in revista *Educação e sociedade* n. 5. São Paulo: Cortez Editora/Associados, 1980.
- DA ROSA, SANNY S. *Construtivismo e mudança*. 7ª ed., São Paulo: Cortez, 2000.
- DEHEINZELIN, Monique. *Construtivismo, a poética das transformações*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1995.
- FERRO, M. & TAVAREZ, M. *Fundamentação da metafísica dos costumes de Kant*. Lisboa: Presença, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- HAYDT, Regina Célia. *Curso de didática geral*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

¹¹ Ver FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: História, teoria, pesquisa*. Campinas: Papirus, 1995.

¹² Ver TAPIA, J. & FITA, E. *Motivação em sala de aula*. São Paulo: Loyola, 2000.

¹³ Construtivismo- para o construtivismo, o conhecimento só tem sentido como teoria de ação por intermédio da qual as pessoas produzem interpretações que convergem para algo comum e público. O conhecimento é um produto de uma ação espontânea ou desencadeada, nunca induzida. (Monique Deheinzelin 1997 *Construtivismo, A poética das transformações*).

HYPOLITTO, Dinéia. *A formação do professor e o estágio supervisionado*. São Paulo: Editora Catálise, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LIPMAN, M. *A filosofia na sala de aula*, São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno*. São Paulo: Cortez, 2000.

NÉRICE, I. G. *Didática, uma introdução*. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 1977.

SEVERINO, Antonio. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

TAPIA, J. & FITA, E. *Motivação na sala de aula*. São Paulo: Loyola, 2000.

TIBA, Içami. *Ensinar aprendendo*. São Paulo: Editora Gente, 1998.

* * * * *